

YGARA

Hélio Rodrigues da Rocha¹

As águas frias e serenas do *Bate-Estaca* deslizavam suavemente rumo ao Madeira, enquanto a *Ygara* se ia dançando ao impulso do remo, que tocava aquelas águas reluzentes, repletas de espículas douradas desenhadas na esteira pelos raios flamejantes de *Guaracy*.

A esteira d'água, o avançar adiante de *Ygara* e o movimento multicolor das águas cristalinas faziam cócegas naquela veia aquífera, enquanto o canoeiro, um *Cariú*, remava e assobiava baixinho, como se estivesse adentrando numa catedral repleta de deuses e cânticos sagrados de tempos imemoriais.

Cada árvore das restingas do *Bate-Estaca* era um trono vivo da mãe Natureza e ali, naquela manhã ensolarada, os espíritos da vida, com olhos e asas em constantes movimentos oscilatórios, enviavam ondas vibracionais, que chegavam até a *Ygara* e ao remador branco.

De todos os tronos vegetais, o mais exuberante era a *samaúma*, maior árvore sagrada para os povos amazônicos. E o *Bate-Estaca*, à época, derramava as suas águas no glorioso Madeira, um pouco acima de Porto Velho, cidade em que *Cariú* passara a morar desde os anos iniciais de 1990 e, quando da derrubada da mata para a construção dessa cidade amazônica – contavam os antepassados de *Ygara* – uma única *samaúma* ficara de pé, esplendidamente fincada na margem desse rio-deus, testemunha da devastação ambiental que se iniciara no verão de 1907.

E aquela floresta cheirosa, aromatizada de odores ocres e florais, um templo colossal, era visitada constantemente por miríades de libélulas, mariposas e borboletões de um azul aveludado e cintilante. Eram *encantados* que faziam suas preces de gratidão e saudavam os *xapiris*, que planavam como beija-flores em meio a cada ramo e folhas, troncos e cipós que se balançavam acima de *Ygara*. E o *Cariú*, prático em navegações em meio às palavras, signos que possibilitam e concedem ao humano a conexão direta com os deuses e vice-versa, absorvia aquele mundo verde-aquático e, inebriado, o *Cariú* pensava numa palavra para o ritual de batismo de sua sonhada revista eletrônica. Cria firmemente que a palavra, enviada pelos deuses e guiada deliciosamente pela mente e aspergida pela imaginação criativa, atinge

¹ Professor Doutor do Departamento Acadêmico de Letras Estrangeira da Universidade Federal de Rondônia (DALE- UNIR) e ao Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL). E-mail: heliorodriguesdarocha@unir.br ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7086-9594>

o coração, tanto dos deuses quanto dos humanos. Palavra-ponte-vida entre esses mundos outros.

Num relampejo, as águas do *Bate-Estaca* se transformaram num espelho no instante em que o *Cariú*, ao se inclinar para puxar as águas com o remo, viu a si mesmo e a sua embarcaçõzinha nas águas transparentes daquele *Ygarapé* centenário dos entornos da cidade do sol constante, Porto Velho. Que cena magistral e efêmera da Natureza!

“Já sei!” – gritou triunfante o *Cariú*. “*Ygarapé* é um nome perfeito para a tão sonhada revista”. E, de repente, tudo pareceu perfeito. *Ygara-pé*! Caminho da canoa! – pensou ternamente o remador, idealizador emérito da revista.

Embalado pela revelação enviada pelos guardiões das matas e dos rios do vale do Madeira, o *Cariú* remou até que as águas do *Bate-Estaca* se misturassem às do Madeira, encostou *Ygara* no hidroporto do *Cai N’água*, subiu o barranco e foi direto para o estacionamento, enquanto dois estivadores carregavam, nos ombros, a sua magnífica *Ygara*, que fora colocada na carreta-reboque do automóvel do animado *Cariú*.

Sorria para si mesmo, *Cariú*, enquanto dirigia o seu *Chevrolet Meriva* rumo ao *campus* da Universidade Federal de Rondônia, km 9,5 da BR-364, sentido Acre. De sua sala de estudos, *Cariú* enviaria *e-mails* para vários *caboclos*, *caboclas*, *quilombolas*, *gringos*, *indígenas* e outros *Cariús* e, assim, remo à mão, começariam a selecionar palavras fortes para suas tessituras e composições sígnicas. As palavras, talhadas sob a ação dessas mentes inquietas e produtivas, deveriam ser reunidas para, assim, formarem as tessituras sígnicas da *Igarapé*. Quantas pinturas sígnicas publicar-se-iam nessa novíssima forma de navegar!!

Sacolejando no reboque, *Ygara* se pôs a lembrar do tempo em que era uma bela *arbor*; do tempo em que era “canoa que sai da terra” na posição vertical, e que seus braços adornados de triangulares folhas verdes acenavam para os viajantes a jusante ou a montante, como um imenso candelabro luminoso sob os raios rutilantes de *Guaracy*, o rei do dia, ou de *Yacy* e seu séquito de estrelas, que governam a noite.

Embora já fizesse certo tempo, *Ygara* ainda podia sentir os golpes do machado do seu artífice. Apesar de não estar apressada para ser outra coisa no mundo, tinha ciência de que os fluxos e as alterações sem fim renovavam o mundo e, portanto, seria talhada em canoa, sairia da verticalidade para a horizontalidade, e passaria a navegar sobre as águas dos rios, lagos, furos e igarapés amazônicos.

Ainda podia sentir as labaredas de fogo debaixo de sua barriga, quando fora colocada na horizontal, sobre duas forquilhas grandes lá no meio da mata, à beira de um caminho bordejado de palmeiras altaneiras, repletas de frutos silvestres. O aroma, que exalava das florações e frutos, alimentos de inúmeros seres da floresta, divinizava aquele momento de transformação, e, naquele altar de fogo e brasas vivas, fora desenhada, talhada e modelada em outra obra de arte e, assim, nascera a *Ygara*.

Há tempos sabia dessas transformações ininterruptas dos pluriversos, e que o globo terrestre era tão somente um ponto a girar eternamente na *Via Láctea*, sob a vontade da essência racional, a Providência. Quantos do reino vegetal, do qual era um belo exemplar, já tinham sidos ceifados e transformados pelas ações humanas? O mundo vegetal e seus milhares de inquilinos outros, tudo quanto é tipo e variedade de insetos, répteis, aves, pássaros e animais, viviam e se compraziam nessas transformações constantes. Não fossem os humanos, a própria Natureza se encarregaria de tais ações, como tem ocorrido desde toda a eternidade.

E *Ygara* se regozijava em autocontentamento, pois a sua própria vida era esse ato perpétuo de transformação. De árvore à canoa, de trono a altar dos caboclos remadores e senhora dos caminhos das águas.

E as águas saborosas dos inúmeros igarapés, furos e lagos a fluírem constantemente e ternamente sempre rumo ao “rio que treme” –, que há algum tempo passara a ser chamado Madeira, devido aos muitos corpos vegetais que eram arrastados pela força das correntezas energizantes desse mundo florestal – bailavam em companhia de *Ygara*.

Mergulhada nessas reflexões arbóreas, *Ygara* deixou de notar que estava debaixo das copas de suas irmãs árvores. *Cariú* havia estacionado o *Chevrolet Meriva* à sombra das copas de ipês roxos. Pensou *Cariú* que, logo que chegasse o verão, o chão estaria coberto de pétalas brilhantes e macias, formando um belíssimo tapete dourado, bordado pelas mãos da Natureza. Sabia *Ygara* que somente os espíritos elevados enxergam essa magia, como numa divinação.

Desperta desse vagar, *Ygara* notou que o seu *Cariú* havia adentrado as águas dos internautas e navegava nas redes universais, pois uma janela azul estava aberta diante dos olhos do internauta e luzes coloridas enchiam a sala de luminosidade.

“Que tema devemos cunhar para a nossa revista?” – perguntou *Cariú* aos companheiros de jornada que estavam sentados em círculo na sala de estudos.

“Na minha opinião, *Literatura, Educação e Cultura: caminhos da alteridade*” é um excelente lema para a Igarapé – disse um dos caboclos literatos.

“Exatamente” – falou uma *Cariú* de olhos claros.

“O nome da revista já está decidido? Pensei num nome de alguma ave da amazônica: papagaio, arara, bem-te-vi, japiim, sabiá. Só pra citar alguns exemplos. Mas há uma imensa variedade de aves, das grandes às minúsculas, como o beija-flor. Talvez o nome de algum *Lepidoptera* – externou uma cabocla de cabelos longos, que estava folheando as páginas de *Love Among the Butterflies, the Secret Life of a Victorian Lady*, de Margareth Fountain (1862-1940).

“No mundo amazônico exala-se odores infinitos e pululam milhões de formas de vidas, que muito bem podem servir de guia para a nossa revista. Concordo que a batizemos com o nome *Igarapé*, pois é o caminho das alteridades” – explicou a única mulher de ascendência quilombola no grupo de literatos e, como Fountain, era apaixonada por borboletas e mariposas, ‘as flores aladas’ das Amazônias, como registrou H. M. Tomlinson (1873-1958) em *O mar e a selva*, relato em que narra a viagem do transatlântico *S. S. England*, do porto de Swansea a Belém do Pará e dali até a nascente cidade de Porto Velho.

E foi assim que a *Igarapé*, naquele inverno chuvoso de início do ano de 2013, numa das salas do prédio das Ciências Humanas, no *campus* de Porto Velho, desceu do mundo das ideias e foi materializada em correntezas líquidas. Nascera na bacia amazônica-madeirense. E, decorridos todos esses dias e noites – que juntos garantem o primeiro decênio da *Igarapé* – poetas, cantores e literatos navegam nas águas que eles próprios se puseram a navegar, tendo *Ygara*, com suas inúmeras capas de tons e textos variados, como a canoa que os conduz de bubuia pelas águas em meio à floresta de signos.

Que a *Igarapé*, enquanto caminho d’água e, nas Amazônias, caminho das canoas, continue produzindo frutos deliciosos e saudáveis!